

O ÓBVIO EM NÉLSON RODRIGUES: UMA SEMIOLOGIA DO HUMANO

Maria Luiza Franco Busse (Doutoranda em Semiologia)

Resumo

O espaço da escrita é o da ocupação do sujeito e esse é um forte sentido que a obra de Néilson Rodrigues faz aparecer, em especial no que não escapa ao óbvio ululante, que se pode identificar como um conceito-marca desse autor.

O espaço da escrita é o da ocupação do sujeito e esse é um forte sentido que a obra de Nélson Rodrigues faz aparecer , em especial no que não escapa ao óbvio ululante, que se pode identificar como um conceito-marca desse autor.

Em toda a dramaturgia de Nélson Rodrigues a dimensão humana não tem limite. A obra se escreve através de um sujeito humano demasiado humano , o ‘ espírito livre’ que Nietzsche reconheceu em todo o ser liberto do preconceito idealista em que a virtude é senhora e prisão do humano.

Nos mundos interiores desembaraçados da existência virtuosa nada é estranho ao desejo e tudo está para além do bem e do mal . Nessa disposição se localiza o óbvio ululante , que rapidamente a moral se encarrega de converter em delito para sossego da doxa e desconforto de cada corpo e de cada uma das almas .

O beijo no asfalto

Entre as 17 peças escritas por Nelson Rodrigues está *O beijo no asfalto* , de 1960, a história do desejo de Aprígio por Arandir . A homossexualidade masculina tinha tudo para cair no rol das reduzidas conversas do cotidiano cerceado pelas repetições desgastadas mas, como em toda a obra desse autor que espiava o mundo pelo buraco da fechadura, a situação uma vez mais foge ao controle da expectativa.

Aprígio não é um desejanter qualquer. . É o pai de Selminha , mulher de Arandir , seu genro , por quem Selminha é perdidamente apaixonada e com quem cultiva uma profunda relação de afeto e compreensão. O diálogo entre ambos é franco e gentil. O casal é um cenário de amor ingênuo , protagonista de trocas comoventes , como a que se refere à passagem em que Arandir relata à Selminha o pecado de ter se deixado ver a cunhada , Dália , nua , no banho . O entendimento e a ternura de Selminha são de fazer corar a produção de sentido que a indústria cultural imprime nos textos das novelas oferecidos ao grande público , uma impressão sempre irrisória e indelicada , carregada de estereótipos que reduzem as relações a embates mesquinhos e ressentidos em que uma das partes tem sempre que sair vencedora.

Pois é no ambiente de pequenas alegrias costumeiramente brindadas com um café fresquinho passado na hora que Aprígio, o pai e sogro , vem cravar os dentes no que seu desejo estava privado de saborear . E assim se vinga do interdito social dilacerando a felicidade da

própria filha . *Um Medéia* na legítima defesa do instinto ferido pela recusa dos outros . O que há de inocente na maldade ? Nietzsche responde que a

maldade não tem por objetivo o sofrimento do outro em si , mas nosso próprio prazer , em forma de sentimento de vingança ou de uma mais forte excitação nervosa , por exemplo¹ .

Quanto à defesa da autopreservação , o filósofo afirma serem legítimas todas as expressões do que nomeia de ‘ egoísmo imoral ’:

causamos a dor , roubamos ou matamos a fim de nos conservar ou nos proteger , a fim de prevenir uma desgraça pessoal ; mentimos quando a astúcia e o fingimento são meios corretos para a autoconservação. (...) Mas alguma vez se *sabe* inteiramente quanto mal faz uma ação a um outro ser ? (...) .Nós *inferimos* por analogia que uma coisa faz mal a alguém (...) , mas na medida em que há um *prazer* na ação (sentimento do próprio poder , da intensidade da própria excitação) , a ação ocorre para conservar o bem-estar do indivíduo, (...) . Sem prazer não há vida ; a luta pelo prazer é a luta pela vida ².

Os personagens de *O beijo no asfalto* estão longe de corresponder à representação linear reiterada na opinião corrente pela indústria de (re) produção de sentido . Eles escrevem o dia-a-dia com a língua do desejo , sempre pronta para vilipendiar a linguagem legisladora . Obrigados a dizer o que não querem calam-se para tentar escapar da opressão mas , no momento preciso, revidam com a força do *superanimal, a besta* nitschtiana que edifica a morada do humano demasiado humano.

O óbvio e o obtuso

O óbvio ululante de Néelson Rodrigues não está escrito sobre o suporte da moral mas no seu contrário : é todo o abuso que a regra oculta . “ Sob a regra descubram o abuso ” , conclama Brecht . Desse modo , nada do que é humano é estranho à escrita de ambos os dramaturgos.

Em Néelson Rodrigues , o óbvio é o castrado contido na expressão “ é evidente” . “ Sob o natural , descubram a história , descubram o que não é natural , descubram os abusos”³, vem Barthes , por sua vez , engrossar o coro do desejo .

O óbvio de Néelson é o obtuso barthesiano , ou seja , a significância que rasga a aparência do sentido. Na significância não há analogia . Nada é natural na significância . Todo o obtuso é o humano que o óbvio se recusa a enxergar.

Segundo Barthes , o óbvio é o sentido dotado de uma clareza “ que se apresenta naturalmente ao espírito” ,

.... é um sentido que me procura , a mim , destinatário da mensagem , sujeito da leitura , um sentido que parte (...) e que vai à *minha frente* : evidente , é claro (o outro também o é) , mas de uma evidência fechada , presa em um sistema completo de destinação . Proponho denominar este signo completo *o sentido óbvio* . Óbvio quer dizer : *que vem à frente* , e é exatamente o caso desse sentido , que vem ao meu encontro.⁴

Enquanto o óbvio fulmina a ambigüidade porque exerce a função de ser verdade , o obtuso foge das representações corriqueiras para perturbar as narrativas e permitir ao sujeito um diálogo com ele mesmo . Generoso e insuportável é o obtuso . (...) “ creio que o sentido obtuso contém uma certa emoção ; (...) ; é uma emoção-valor , uma avaliação ”⁵, diz Barthes .

Em *O beijo no asfalto* o obtuso pulsa e salta. Trava a luta dos sentidos com o óbvio, o que em Nelson Rodrigues seria o sentido mesmo de toda a sua produção . O personagens cercados pelo pensamento social que nega o que é e explica o que não é , são tomados pela insatisfação e passam a necessitar de compensações que , a partir de então , só podem ser encontradas no universo do óbvio ululante do obtuso . Ao sujeito-receptor resta o envolvimento à distância . Nesse lugar só seu é tocado pela vertigem das múltiplas escolhas , sem nenhuma resposta certa . Tudo muito humano , demasiado humano , ou obviamente obtuso.

Em seu livro *O óbvio e o obtuso*, Barthes fornece uma saborosa reflexão

(...) *obtusus* quer dizer : *que é velado , de forma arredondada* ; (...) como que um véu que tolda um sentido demasiadamente claro , demasiadamente violento ? Não emprestam ao significado óbvio como que uma redondeza pouco preensível , não colaboram para que minha leitura resvale? Um ângulo obtuso é maior do que um ângulo reto : *ângulo obtuso de 100 graus* , diz o dicionário : também (...) parece-me maior do que a perpendicular pura , reta , cortante, legal , da narrativa : parece-me que [o obtuso] abre o campo do sentido totalmente , isto é , infinitamente ;”⁶

O óbvio ululante de Néelson Rodrigues é a *besta* que existe em nós . O *superanimal* que Nietzsche define como a condição dialógica da moral que nos impede de sucumbirmos a nós mesmos . E assim falou o filósofo da ruptura , no verbete de número 40 do seu livro *Humano demasiado humano*

*O superanimal.*_ A besta que existe em nós quer ser enganada; a moral é mentira necessária , para não sermos por ela dilacerados . Sem os erros que se acham nas suposições da moral, o homem teria permanecido animal . Mas assim ele se tomou por algo mais elevado , impondo-se leis mais severas. Por isso ele tem ódio aos estágios que ficaram mais próximos da animalidade: de onde se pode explicar o antigo desprezo pelo escravo , como sendo um não-humano , uma coisa.⁷

Aquele beijo no asfalto , fato pretexto para o mergulho rodriguiano, ganhou a mesma significação de um coito instintivo de vira-latas praticado em público frente às sensibilidades estereotipadas. Acontecimento ao ar livre , em plena luz do dia, em hora de intenso movimento de trânsito , passageiros e pedestres. Um acinte, manancial inesgotável de sentido óbvio que mantém o sujeito na paz das classificações

O beijo de um homem na boca do outro estendido no asfalto depois de colido por um loteação , em um ponto da Praça da Bandeira , zona limite entre o Centro e a região Norte da

cidade. Tanta humanidade teria de ser castigada . Não pode haver perdão para quem desconsidera o código e desvela onde habita o humano obtusamente humano . Por isso, o superanimal cativo de si mesmo condena e mata o traidor para garantir seu esconderijo na virtude que não lhe é própria , mas que lhe assegura a ilusão de diferença do outro fisicamente escravo .

Poder e servidão se aliam na troca dos favores sociais que redundam em ganhos econômicos e em perdas humanas . O tal jogo de perde-ganha fomentado pela escritura plena do maniqueísmo paupérrimo dos estereótipos que constituem o óbvio que não ulula, mas contém. Por causa daquele beijo , que Arandir jura ter dado em atenção ao último pedido do moribundo desconhecido , o marido de Selminha foi destruído. Arrancaram-lhe a vida , por etapas . Primeiro , moralmente , a imprensa fez o trabalho de abusar da sua masculinidade junto aos colegas de repartição , à chefia , à vizinhança e aos amigos. Depois , afetivamente , na própria família . Perdeu a confiança de Selminha , que já não sabia mais dizer se Arandir era homem ou não era. Eles, que viviam em idílio, úmidos . Inclusive , no dia do ocorrido , Arandir acabara de sair da Caixa Econômica onde fora empenhar umas jóias para pagar o aborto de Selminha. Estavam casados de pouco e , no momento , ele não queria nenhuma interferência ou estrago naquele corpo que nunca tivera barriga . Estavam em lua-de-mel e , segundo Selminha , era ‘ *todo o dia! todo o dia! todo o dia!*’⁸.

E por fim, o tiro de misericórdia representado em dois disparos que o atingiram em cheio

(Aprígio atira , a primeira vez . Arandir cai de joelhos . Na queda , puxa uma folha de jornal que estava aberta na cama . Torcendo-se , abre o jornal , como uma espécie de escudo ou de bandeira . Aprígio atira , novamente , varando o papel impresso. Num espasmo de dor, Arandir rasga a folha. E tomba , enrolando-se no jornal. Assim morre.)⁹

Arandir morreu perfurado de óbvio e sua morte silenciou de vez o obtuso , o narrador que efetivamente tinha o que contar . Foi por terra toda a significância e o sujeito, mais uma vez , se vê impedido de fazer a crítica a seu modo . É ainda Barthes quem define, o obtuso como o sentido que não está na língua , “ aquele que é ‘demais’, que se apresenta como um suplemento que minha inteligência não consegue absorver bem , simultaneamente teimoso e fugidio ”¹⁰.

Uma outra linguagem que não espelha e por isso atordoa o óbvio enfastiado pela voz que não diz mais nada além do que é obrigada a dizer .

O obtuso abriga o óbvio ululante, o grito plangente de aviso de que o desejo é o parceiro impudente do humano ao contrário da inveja e do ciúme , as partes pudendas da alma , conforme falou Nietzsche .

Haverá um acordo possível entre a vergonha de ser e a pulsão desejanter ? Em Nelson Rodrigues a resposta ulula na facticidade que levará à morte um dos oponentes . A fatalidade está escrita no encontro do óbvio com o obtuso . As perdas do sujeito estão previstas, embora nem por isso sejam menos dilacerantes e dolorosas. O personagem não é mais uma narrativa inteira , com cabeça , tronco e membros , cada qual no seu lugar . Agora é um conjunto de facetas que se expõem publicamente no risco de ignorar de serão devoradas ou decifradas .

Afinal , Arandir beijou porque desejou ou porque foi tocado por um impulso de generosidade humanitária ? O sentido dado à motivação é o que permite lembrar a complexidade da vida como ela é e assegurar grandeza à narrativa . Mais uma vez Nelson Rodrigues se utiliza do óbvio corrente para fazer ulular o obtuso. Pode-se mesmo afirmar que Nelson Rodrigues identifica o óbvio corrente como o lugar em que estão contidas as bases do óbvio ululante . Dos próprios porões da superfície entediante saem os urros . O som da significância que fala ao espectador que é possível conceber para além do que está escrito .

O texto sem crítica exterminou Arandir , Selminha e Aprígio . Para significar a função carrasca da escrita dogmática, Nelson Rodrigues escalou a imprensa na figura de um jornalista . Amado , assim se chama o repórter, passava na hora do beijo e o fato caiu como uma luva no texto que não precisa mais do que das mãos para ser escrito. Amado estava mal de vida , em baixa na carreira . O raciocínio foi horizontal , homem com homem dá lobisomem e na *polis* a *physis* não cabe. Era a matéria de que precisava para reaver o prestígio junto à direção do jornal em que trabalhava. E não deu outra, foi um estouro de venda. A opinião pública fazia escândalo do assunto. Era o eco da execração , encantada que estava com a possibilidade de aparecer nas páginas como eficaz representante do óbvio comum .

Enquanto isso , Arandir se deslocava. Fugia para não ser apontado pela difamação e se escondia para não ser preso , porque no caminho da fama de Amado seu gesto foi convertido em

homicídio : Arandir passou a suspeito de ter empurrado o homem sob o loteação , crime passionnal , coisa de amante abandonado .

Os desdobramentos da história iam sendo construídos de acordo com o roteiro imaginado para atender o que supunha ser a expectativa do leitor . A cada dia era apresentada uma voz , ou um rosto , confirmando as investigações de comportamento e prática homossexual pregressa e atual de Arandir. Todos participam da ficção enquanto a realidade a mais ulula ao lado . Usando a língua do óbvio, Néelson Rodrigues segue dizendo o que está fora dele e assim vai confundindo , nas próprias entranhas, o que é único.

Em um instante avassalador, o óbvio ululante ocupa a cena para subverter a lógica da escrita sujeita à moral e aos costumes. Ele mostra que existem outras narrativas constituídas de temas passíveis de serem escritos pelo sujeito.

O ato de transgredir o texto social definidor destruiu Arandir , deu ganhos a Amado e vingou Aprígio. Arandir nunca negou o beijo no asfalto e jurou para Selminha , sua amada-amante-amiga com quem até então só tinha compartilhado alegrias e jamais sofrimento , que assim fizera para saciar o desejo de um ser humano que vivenciava os próprios últimos suspiros , tal como os condenados à pena de morte são atendidos no pedido de comer o que desejam antes de passarem à execução.

Néelson Rodrigues executa o óbvio *burro* que se condena a viver na insignificância da escrita estereotipada , sem nenhum sujeito, despida de todo o desejo. Pornográfica, sim, porque se oferece com o que não tem para dar. Boca , ouvido , seios, bunda , ânus , pênis e vagina, todas as saliências , entradas e saídas do humano estão contidas e fechadas. Foram retiradas do convívio com o seu mais íntimo , alienadas do lirismo melancólico de se saber humano demasiado humano, restando, portanto, nada menos do que a brutalidade dos fatos.

A obra de Néelson Rodrigues vista por esse beijo no asfalto, nos permite viver outra vez a experiência ontológica do espírito livre que é a própria escrita do sujeito , obtuso e vadio , assim como, e por que não , uma besta-cabra .

NOTAS

¹ NIETZSCHE, F. *Humano demasiado humano* . São Paulo , Companhia das Letras, 2000, p.78

² IBIDEM, p.79-80

³ BARTHES, R. *O grão da voz*. Rio de Janeiro, editora Francisco Alves, 1995, p.232

⁴ BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro, editora Nova Fronteira, 1990, p.47

⁵ IBIDEM, p.52

⁶ IBIDEM, p.47

⁷ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p.49

⁸ RODRIGUES, N. *Teatro quase completo, volume IV*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1966, p.108

⁹ IBIDEM, p.132-133

¹⁰ BARTHES, R. *O grão da voz*. Rio de Janeiro, editora Francisco Alves, 1995, p.53